

Ano XXXVII - N.º 5 Revista Mensal 2,50 € Maio 2021

MENSAGEIRO

de SANTO ANTÓNIO



RECORDAR

Sumário



Diretor
Frei José Augusto Marques
(Carteira Profissional TE-101)
Diretor-adjunto
Secundino Correia
(Carteira Profissional TE-1302)
Administrador
Frei Domenico Celebrin
Redação
Frei Severino Centomo

Proprietário e Editor
ACMSA - Associação Cultural
Mensagem de Santo António,
entidade sem fins lucrativos
(Pessoa Coletiva n.º 505 333 937)

Administração, Redação e Edição
Estrada de Assafarge, n.º 6
3040-718 Castelo Viegas

Atendimento:
segunda a quinta
das 10:00 às 12:30
e das 15:00 às 17:00

NOVO Telefone: 239 097 984

Correio eletrónico
mensagem.assinantes@gmail.com

Preço da assinatura anual	
Só digital:	15 €
Portugal:	22 €
Europa:	35 €
Fora da Europa:	50€ - \$75 (CAN)
Amigo:	50 €
Benemérito:	100 €
Preço avulso:	2,50 €
Números atrasados:	3,50 €

NIB da ACMSA
001000004251041000159
IBAN da ACMSA
PT50001000004251041000159
SWIFT/BIC: BBPIPTPL

Impressão
SERSILITO, Empresa Gráfica, Lda
Travessa Sá e Melo, 209
4471-909 MAIA

Número de Registo: 113.612
Depósito Legal n.º 26.837/89

Estatuto Editorial
<https://santoantonio.live/about/>
Edição digital
<https://santoantonio.live>

Tiragem do número anterior:
2.600 exemplares



Maio 2021 | N.º 5 | Ano XXXVII

EDITORIAL

3 Maria, mãe da Igreja
Frei Severino

VOZ PARA VÓS

4 Que terço rezas?
Clássico, ecológico ou original?
Fabrizio Bordin

HOMEM E SOCIEDADE

6 Fundação AIS
Quanto vale uma vida?
Paulo Aido

8 Ponto e contraponto
Para lá da pandemia
Idalino Simões

10 Traços de uma Presença
Carinho
Juan Ambrosio

12 Pés na Terra
A gamela, os filhos e o avental
Inês Espada Vieira

14 Memória e tradição
S.A.G. - Santo António te Guie
Pedro Teotónio Pereira

ESPECIAL

15 Verbos da Salvação - 7
Recordar
Adelaide Pereira | Rui Pedro Vasconcelos

CULTURA

24 Artes e Letras
Livros
Rui Vasconcelos
Cinema
Pe. Manuel Monteiro Mendes

IGREJA A CAMINHO

26 Economia de Francisco
A Economia Donut
Luísa Gonçalves

28 Diálogos com António - 5
O dom frágil da vida
Ana Rocha

30 Espaço nova geração
Jovens... e Christus Vivit
Santa Irene (Iria)
Luís Leal

31 Publicação obrigatória
Estatuto Editorial

PÁGINAS ANTONIANAS

32 Nos Passos de António - 14
Gente das periferias
Fabio Scarsato

34 Santo António
mestre da palavra
Maria
Frei Valentim Strappazzon

CONTRACAPA

36 Fratelli Tutti
A política melhor - Trabalho e
educação
Teresa Paiva Couceiro

Capa: Uma mãe sul-sudanesa, no exterior da igreja católica de Santa Cruz, no campo de refugiados de Kakuma, Quênia. Foto ACN / Ismael Martínez Sánchez, 2016.
Editorial: Fátima, 13 de maio de 2019. Foto EPA/PAULO NOVAIS.

O Mensageiro de Santo António segue as normas do Acordo Ortográfico, desde janeiro de 2012.

Maria, mãe da Igreja



Frei Severino Centomo

A figura de Maria marcou profundamente a vida de Santo António, ao ponto de um dos seus primeiros biógrafos afirmar:

Fernando recebeu o primeiro ensino das Sagradas Escrituras na igreja da Virgem Santa Maria, de tal modo que, ao longo da sua vida, a Mãe de Deus foi para ele uma poderosa protetora até ao fim da sua vida, quando quis morrer junto da igreja de Santa Maria “Mater Domini” e, já no leito da morte, recitou o hino “O gloriosa Domina” (Ó gloriosa Senhora), invocando a sua ajuda para lhe abrir a porta do Céu.

A vida de Santo António foi, portanto, continuamente iluminada e amparada pela Mãe de Deus e nossa Mãe, que deseja, ardentemente, como o Seu Filho Jesus, que todos os seus filhos cresçam, nesta terra no conhecimento das Sagradas Escrituras e acreditem em Jesus, nosso Salvador.

Maria esteve, desde o nascimento da Igreja – no Pentecostes – ao lado dos discípulos, preparando-os para receberem o Espírito Santo e acompanhando-os na fidelidade ao dom do Espírito, na comunhão com Jesus e com os irmãos.

É por isso que, ao longo destes dois milénios, Maria teve um papel importante na vida da Igreja: o de “recordar”, de forma viva e concreta, o misté-

rio da nossa fé e da nossa salvação. Assim como o mistério da morte e ressurreição do Senhor foi transmitido pelo testemunho dos primeiros discípulos de Jesus, assim em cada tempo, pertence a nós manter vivo este mistério que é fonte de vida nova e garantia de ressurreição.

Está a aproximar-se a JMJ 2023 – Lisboa e a Igreja portuguesa, em boa hora, achou que a preparação melhor para este evento deveria ser feita na companhia da Mãe de Deus e sob a sua proteção. Não podia ser diferente, pois a Virgem Maria é padroeira e rainha da “Terra de Santa Maria”. Aqui, não estão em causa honras e títulos, mas simplesmente a docilidade às suas últimas palavras proferidas nos Evangelhos: “Fazei o que Ele vos disser”.

O que é que Jesus nos quer dizer hoje, neste período fustigado pela pandemia, pelo medo, pela desconfiança, pelo fecho das portas à esperança e pelo recuo nas nossas seguranças?

A ternura da Mãe de Jesus, que não se fechou na sua dor pela morte do Filho, mas ajudou os discípulos a “ver” as coisas de maneira diferente e a “ler”, conforme as Escrituras, os acontecimentos, nos ajude a cultivar um olhar diferente e nos acompanhe, acendendo em nós a chama da esperança e da alegria! ■



Terços da JMJ Lisboa 2023. Foto Filipe Amorim, 2021.

Os jovens das comunidades não se cansam, nem se fartam de anunciar nas redes sociais e nos púlpitos das igrejas que estão à venda três tipos de “terços”, alusivos ao logotipo da JMJ.

Por “terço” entendo o instrumento de oração, a coroa com cinco dezenas de contas, que servem para não perder “a conta” das Ave Marias. Uma campanha de marketing tricolor – verde, amarelo, vermelho – que tem como meta a oração do Rosário, ao longo do mês de Maio e dos meses que nos separam da JMJ de Lisboa 2023. Uma longa e emocionante maratona com a Virgem Maria a torcer e abrir caminho connosco!

Um é clássico, em madeira com a cruz do logo: é o mais concorrido nas vendas, talvez, por ser o mais simples e o mais barato! Há outro em madeira que se apresenta como o mais original: por cada dezena, tem um

separador, um quadradinho com o lema da JMJ 2023, “Maria levantou-se e partiu apressadamente”. Finalmente há um terceiro que eu definiria “ecológico” por ser feito em plástico reciclado.

Ao ver tanto entusiasmo juvenil em terras de Santa Maria, penso que também Nossa Senhora exultará de alegria, porque o Senhor continua a fazer maravilhas, n’Ela e através d’Ela. Sugeri aos pais e avós para oferecerem o terço aos filhos, sobrinhos ou netos... Quem sabe se não surgirá uma “cumplicidade mariana” entre jovens e adultos a caminho da Jornada Mundial da Juventude de Lisboa 2023.

Penso no exemplo de vida de dois santos tão marianos nas paróquias onde vivo: Maximiliano Kolbe e Beatriz da Silva.

Maximiliano criou juntamente com outros jovens frades, em Roma, um movimento maria-

no para evangelizar o mundo. Dizia que as “Ave Marias” são armas para combater qualquer tipo de mal. No campo de Auschwitz, onde morreu, a oração do terço aliviou a dor e o desespero de muitos prisioneiros.

Beatriz da Silva, era jovem, bonita por dentro e por fora, mas, vítima das intrigas na corte de D. João II de Castela, foi fechada, ao longo de três dias, num baú. A rainha cheia de ciúmeira esperava que morresse asfixiada, mas a jovem confortada com a visão da Virgem Imaculada, sobreviveu e consagrou a Maria a sua vida e a das amigas que, entretanto, tinham seguido o seu ideal.

“E tu, que terço rezas? Clássico, original ou ecológico?”. Como diz Francisco, o Papa, a Virgem Maria é a melhor *influencer* na vida dos jovens com os seus momentos de luz e de escuridão. ■

ASSINA E DIVULGA O MENSAGEIRO DE SANTO ANTÓNIO



Agora podes pagar com Multibanco

Para fazer o pagamento da assinatura ou efetuar um donativo, utilizar a Entidade e Referência que constam do talão com o endereço.

Cada assinante tem uma referência única, que permite identificar o pagamento sem necessidade de enviar o comprovativo.

Em alternativa aceder ao nosso sítio na Internet. No menu Assinantes encontra-se um formulário para efetuar qualquer pagamento ou donativo através de Multibanco, MBWay, Payshop ou Paypal.

É possível, também, continuar a utilizar a transferência bancária.



1989-3760

Pago até: Maio 2021

Entidade: 21721 Referência: ver no talão



Preço da assinatura anual

Só Digital (PC, Telemóvel e Tablet)	15 €
Edição impressa Portugal:	22 €
Edição impressa Europa:	35 €
Edição fora da Europa:	50€ - \$75

NIB: 0010 0000 42510410001 59

IBAN: PT50 0010 0000 42510410001 59

SWIFT/BIC: BBPIPTPL

<https://santoantonio.live>

Quanto vale uma vida?



Foto Ismael Martínez Sánchez / ACN. Campo de refugiados Kakuma, Quênia, junto ao Sudão do Sul e à Etiópia, 2016.

Paulo Aido, Fundação AIS - Ajuda à Igreja que Sofre

FUNDAÇÃO AIS LANÇA CAMPANHA DE SOCORRO AOS CRISTÃOS EM ÁFRICA

Crianças-soldado, mulheres violentadas, fome, doenças, miséria, violência... Em África, milhares de pessoas vivem uma Via-sacra permanente. Têm fome, doenças, são perseguidas por serem cristãs, são vítimas de bandos armados, de grupos terroristas. O Bispo de Mbaïki, na República Centro-Africana escreveu um livro em que traça um retrato preocupante da vida neste continente. São histórias que perturbam... A verdade assusta também as nossas consciências....

D. Jesús Molina, Bispo de Mbaïki, na República Centro-Africana, escreveu um pequeno livro para a Fundação AIS. O livro tem 14 textos apenas. São retratos do continente africano, do drama de milhões de pessoas, da angústia de mães que não conseguem alimentar os seus filhos, de

crianças que foram raptadas e agora são soldados às ordens de bandos armados, de idosos que não têm lugar em nenhuma enfermaria. São 14 textos que revolvem a nossa consciência até às entranhas. Falam-nos da fome, da aventura que é para muitos, conseguir alguma comida, nem que seja apenas uma vez por dia. O olhar de D. Jesús Molina recai sobre os inúmeros campos de refugiados onde estão milhares de pessoas desesperançadas e na miséria:

Dentro e fora destes campos, há crianças com fome, jovens com fome, adultos com fome, idosos com fome. Roubam por causa da fome, matam por causa da fome. Que má conselheira é a fome! Quantos caem por causa dela!

MUITAS FOMES

Há muitas fomes em África, também a fome de paz. Basta pensar nas mulheres brutalizadas, “que sofrem a infâmia humana, a arma letal de todos os conflitos bélicos em África”, como escreve o Bispo de Mbaïki.

Violar mulheres e meninas para destruir o inimigo. Violar mães e adolescentes, rasgar esses corpos que deram vida; manchá-los com a morte... As mulheres tornaram-se o alvo da brutalidade dos homens armados sem piedade.

Há também a fome do amor na miséria que se abate sobre os rapazes que são tirados aos seus pais e que têm de carregar armas. Soldados ínfimos com os dedos no gatilho, meninos que nunca saberão o que é ser criança. Meninos que provavelmente nunca irão à escola. Que fardo irão suportar, que memórias e angústias irão arrastar para o resto das suas vidas as crianças que conseguirem sobreviver a estas guerras que estão a esquarterar o continente africano...

MAR DE MISÉRIA

África vive uma Via Sacra permanente. É uma realidade que está espalhada por todo o lado, de norte a sul, rompendo fronteiras, grupos étnicos, línguas. De África chegam-nos todos os dias pedidos de ajuda. Na verdade, é bem mais do que isso. São pedidos de socorro de pessoas que estão a morrer, verdadeiros naufragos num mar de miséria, violência e perseguição. A urgência é enorme. A cada dia e hora que passa avoluma-se a tragédia. Não há tempo a perder. Está nas nossas mãos ajudar a Igreja, os padres, as irmãs, os catequistas, todos os que estão no terreno e procuram, às vezes desesperadamente, devolver a esperança a quem já só tem lágrimas. É connosco. É agora. D. Jesús Molina, no pequeno livro que escreveu para a Fundação AIS diz-nos, sem rodeios, que a vida vale pouco em África. Muito pouco.

Em quase todos os países da África subsariana, a esperança média de vida da população não chega aos 60 anos. No país onde vivo, a República Centro-Africana, é de uns escassos 50 anos.

ÁFRICA SOFRIMENTO DIANTE DOS NOSSOS OLHOS

Esta Irmã está a cuidar de uma mãe desesperada com o filho nos braços. Mas ela não está sozinha. Não se vê na foto, mas é aqui que entra a Fundação AIS: a ajudar a curar as feridas do corpo e da alma.



Milhares de pessoas em África têm fome, doenças. São perseguidas por serem cristãs.

Precisam de si, das suas orações.

Hoje, podemos todos juntos salvar vidas em África...

A rezar, como nos pediu Nossa Senhora.

O Terço será a nossa arma...



Reze com este Terço de Belém que temos para lhe oferecer. Ligue hoje mesmo e peça o seu.



Fundação AIS
ACN PORTUGAL

Saiba como ajudar a Fundação AIS.

☎ 217 544 000

🌐 www.fundacao-ais.pt



Morre-se antes do tempo e vive-se tão precariamente que muitas vezes me pergunto: será que há vida antes da morte? Como vale pouco a vida em África...

CAMPANHA DA FUNDAÇÃO AIS

As histórias que D. Jesús Molina nos conta são um retrato impiedoso do continente africano. Um continente alvo da cobiça de um mundo que parece não se condover com a miséria das suas populações. É uma contradição que nos deveria envergonhar. A campanha que

Fundação AIS lançou e que se vai manter ao longo de todo o ano, é, acima de tudo, um desafio a cada um de nós, um desafio às nossas consciências. As 14 histórias que o Bispo de Mbaiki conta neste pequeno livro não são ficção, não foram inventadas, não aconteceram no século passado. São histórias de agora, são histórias cruéis, de pessoas reais, de carne e osso. Pessoas que precisam da nossa ajuda. É urgente salvar vidas em África. **A Fundação AIS pode contar contigo? ■**

Para lá da pandemia

Auto-retrato (2001-2002) do artista de rua britânico, Banksy, exposição *Construindo Castelos no Céu*, Basel, Suíça, 1 de março de 2021. Foto EPA / GEORGIOS KEFALAS.

Está no horizonte um tempo de regresso à vida normal das comunidades. Esperemos que a prudência e o respeito pela vida e saúde de todos nos possa ajudar a encontrar um tempo sem os limites da convivalidade e do encontro.

QUE IGREJA VAI EMERGIR DESTA DILÚVIO AVASSALADOR?

A oração do Papa Francisco no fim de tarde de 27 de março pode dar o tom do que é indispensável em tempos de crise:

À semelhança dos discípulos do Evangelho, fomos surpreendidos por uma tempestade inesperada e furibunda. Demo-nos conta de estar no mesmo barco, todos frágeis e desorientados, mas ao mesmo tempo importantes e necessários: todos chamados a remar juntos, todos cercados de mútuo encorajamento. E, neste barco, estamos todos. Tal como os discípulos que, falando a uma só voz, dizem angustiados «vamos perecer» ...

Com a tempestade, caiu a maquilhagem dos estereótipos com que mascarámos o nosso «eu» sempre preocupado com a própria imagem; e ficou a descoberto, uma vez mais, aquela (abençoada) pertença comum a que não nos podemos subtrair: a pertença como irmãos.

A *Fratelli Tutti* vem trazer a primeira linha de conversão: o amor compassivo do Samaritano propõe a todos uma conversão profunda que encontre formas criativas do amor ao próximo.

Estamos ainda longe de perceber o alcance desta carta encíclica na vida da Igreja. O pós-pandemia vai ser o grande teste. Seremos capazes de operacionalizar em ações pastorais o paradigma da *Fratelli Tutti*?

Lançar-nos-emos no caminho de Jerusalém, dispostos a pôr de parte os nossos medos e regras, para nos debruçarmos sobre o irmão ferido? Seremos uma Igreja em saída ou passaremos ao lado preocupados com o esplendor do culto no templo?

Idalino Simões

O projeto de uma fraternidade universal, no trabalho incansável do Papa Francisco, convida todas as estruturas religiosas para que a fé não seja manipulada pelos grandes interesses económicos, políticos, culturais... e não seja uma desculpa e justificação para a guerra, para o comércio de armas e a escalada do armamento. Só mediante um cuidado mútuo, uma atenção fraterna especialmente para com os mais pobres e vulneráveis poderemos louvar juntos a bondade do Deus Criador.

Uma outra questão que o tempo de pandemia lança à Igreja é o reencontro e aprofundamento de uma teologia da Igreja doméstica. Todos estamos convictos que o tempo dos grandes ajuntamentos passará a ser a exceção, reservada a alguns locais icónicos de peregrinação. A realidade da Igreja doméstica, da catequese familiar, irá naturalmente ser desenvolvida como espaço privilegiado de crescimento e de celebração da fé.

O reencontro com os meios rápidos de comunicação digital vai exigir uma profunda reflexão pastoral, que até à data ainda não se realizou. Em que medida podem surgir comunidades cujo laço é a comunicação virtual?

Durante a pandemia multiplicaram-se as transmissões de celebrações, procissões, encontros. Não precisaremos mais de evangelho do que rituais? Como é que os meios de comunicação poderão ser um veículo do evangelho transformador da vida?

O Papa Francisco vai deixando, no caminho da pandemia, desa-

vios únicos que alguns consideram que arrastam a Igreja para caminhos de infidelidade e de traição à sua missão.

Que aprenderão as diferentes Igrejas locais umas com as outras? Que aprenderão das outras igrejas não católicas? Que aprenderão dos outros grupos religiosos ou culturais?

SEREMOS UMA IGREJA QUE APRENDE OU VOLTAREMOS A SER UMA IGREJA QUE SÓ SABE ENSINAR?

Como seremos capazes de acolher a frescura de tantos desafios renovadores do Papa: no plano ecuménico, no papel da mulher, nos desafios de uma igreja sinodal, pobre, sem poder, mas com uma capacidade de ser próxima dos feridos, perdidos, dos que, como os discípulos de Emaús, saem sem regresso?

A igreja vai apressar as reformas que este novo mundo exige ou vai ancorar-se nas falsas seguranças de antigos modelos? Como é que esta reforma poderá acontecer?

Gostaria de terminar com um pequeno texto de D. Helder Câmara, citado por Norbert Arntz em *O pacto das Catacumbas*, Paulinas, 2015:

Hoje, ao pequeno-almoço, disse aos observadores não católicos [...] que se mostravam impacientes com toda a pompa de São Pedro: “João XXIII parece-me uma ave prisioneira numa gaiola dourada”.

Também já tinha dito a mesma coisa a Jean Guittou, outro dos impacientes...

Assim como na hora da Providência o Papa foi libertado por Deus dos seus Estados Pontifícios, (nessa

altura, Pio IX e os católicos em todo o mundo não entenderam), assim chegará o dia em que Deus nosso Pai libertará o vigário de Cristo do luxo do Vaticano. Durante o bombardeamento de Roma passou pela minha cabeça a ideia de que Deus iria atuar: permitiria que uma bomba conseguisse pôr fim a tudo o que de outro modo se afigurava impossível abandonar. Mas isso não aconteceria: Rockefeller construiria um Vaticano ainda maior e mais luxuoso.

A reforma deve vir de dentro. ■



Foto MSA 2019

Carinho



Juan Ambrosio

Projeto Educativo Los Patojos, inspirado no desenvolvimento humano e na justiça social, continua o seu trabalho durante a pandemia do coronavírus, chegando às humildes residências de seus alunos com ajuda humanitária e acompanhando as atividades escolares em quarentena. Na foto a mãe Viviana com o seu filho Eduardo, Jocotenango, Guatemala, maio 2020. EPA / Esteban Biba.

No momento em que escrevo estas linhas estamos todos a procurar regressar à dita normalidade. E como estávamos todos desejosos disso. Não tenho bem a certeza se a situação se manterá no momento em que os leitores as puderem ler, mas espero e desejo que sim, pois isso seria um sinal muito positivo.

No processo do chamado desconfinamento estamos já numa fase avançada, onde a movimentação começa a ser muito mais fluída e os nossos estilos

de vida começam a aproximar-se ao que estávamos habituados.

É verdade que ainda temos de andar de máscara e respeitar toda uma série de outras recomendações, que todos conhecemos bem, mas isso já não importa muito desde que possamos, com segurança, voltar à normalidade. Claro que ao falar em normalidade peço aos leitores que tenham presente aquilo que a esse propósito já tenho partilhado noutras ocasiões e que, de uma maneira muito breve, mas veemente, quero voltar a repetir. É importante que essa normalidade não se refira apenas ao repetirmos os mesmos gestos e assumirmos as mesmas atitudes, mas seja

mesmo uma nova normalidade, ou seja, um começo de uma maneira diferente de olhar e construir o mundo, de entender e concretizar a vida, de assumir e viver este facto de sermos todos membros de uma só família humana e de habitar uma só casa comum.

Apesar de tudo o que já estamos a recuperar, fica ainda a faltar a possibilidade de nos podermos abraçar e beijar sem receios, e disso sentimos muita falta, pois a troca de ‘cotoveladas’, ‘braçadas’ ou outras alternativas mais criativas não acaba de nos convencer. O ser humano (cada um de nós) precisa mesmo de sentir a ternura.

Não basta saber que é querido, se bem que isso seja muito importante; não lhe chega escutar o quanto gostam dele, ainda que isso também seja fundamental; precisa de sentir-se acolhido e reconhecido, precisa de sentir o abraço e o beijo, precisa mesmo de sentir e experimentar a ternura e isso é para ele tão vital, como o ar que respira e o alimento que consome.

A experiência que todos vivemos durante este tempo tornou bem visível algo que, porventura, já se tinha tornado demasiado rotineiro. As nossas saudações muitas vezes já não eram mais do que cumprir um preceito que as nossas sociedades assumiram como norma de uma boa conduta, esquecendo-se, pouco a pouco, da importância vital desses gestos.

E ao dizer vital não estou em nada a exagerar. A ternura é mesmo vital para o ser humano. Não é preciso fazer uma grande reflexão, nem realizar um grande exercício de memória para percebermos como nos primeiros tempos da vida, o colo, o beijo, o abraço, o calor dos corpos daqueles que nos acolheram – tudo declinações da ternura e do amor – foram absolutamente indispensáveis. Sem eles a vida humana, a vida de cada um de nós, não teria sido possível. Na altura não sabíamos, mas sentíamos e esse sentir permitiu-nos crescer e ser gente. Sim, porque ninguém pode ser verdadeiramente gente sem ser querido e acarinhado. Sem a ternura, o ser humano, cada um de nós, fica afetado na sua condição.

Tudo isto se tornou tão evidente quando vimos e percebemos, por exemplo, que muitos dos nossos idosos começaram a definharem e a perder vida mesmo quando os cuidados de saúde e proteção eram redobrados. Faltava-lhes a vida que o abraço, o beijo, o colo e, porque não dizer outra vez, o calor dos corpos dos entes queridos, transmitem. Sim, porque a vida não é só um dom dos outros no início, mas é sempre, e em todos os momentos, dom dado e recebido. Por isso, a carícia, testemunho evidente desta ternura e deste amor, é absolutamente indispensável. Quando verdadeiramente acariciamos alguém, ou somos acariciados, sentimos inequivocamente o vibrar da vida em toda a sua beleza e mistério. A carícia é um gesto profundamente humano e humanizador, e ela é muito mais do que o tocar...

Daqui decorre que a primeira missão que temos como humanidade é cuidarmos carinhosamente uns dos outros. E para nós crentes, isso é ainda mais evidente, devendo ser assumido como algo que decorre da nossa própria fé. Deus ama com ‘o amor das suas entranhas’ todo e cada um dos seres humanos. E é este amor primeiro a primeira condição para que o mistério da vida de cada um possa acontecer.

Neste voltar à normalidade, mesmo que ainda tenhamos de ser muito contidos nos abraços e beijos, ensaiemos outras possibilidades de acariciar. Seja essa uma das nossas prioridades. Seja o carinho uma das marcas inequívocas da nossa relação humana, neste tempo que queremos verdadeiramente novo.

À medida que este texto ia ganhando forma no ecrã do computador fui escutando no meu íntimo uma expressão com que a minha mãe se dirigia a mim: *carinho*. Era assim que ela muitas vezes me chamava. E ao chamar-me carinho, suportando aquele nome numa relação, foi-me fazendo perceber melhor o mistério da vida. Foi assim durante toda a sua vida, sei que continua a ser assim no seio do Mistério de Deus que ela já habita de um modo diferente do meu. Porque isso foi para mim tão fundamental, porque isso é assim tão fundamental para todo o ser humano, fica como título destas linhas, a modo de íntima e profunda homenagem à minha mãe, a todas as mães, neste mês de maio em que celebramos a Mãe. ■



Foto EPA/BEN MCKAY

A gamela, os filhos e o avental

Inês Espada Vieira

Maria Alice no documentário *Mulheres em Portugal*, de Ricardo Freitas, com guião de Juliana Santos e de Marta Curado, 2021,

Maria Alice Brígida de Almeida nasceu em 1936 em Vila Nova de Tazem. É uma das protagonistas de “Mulheres em Portugal”, o documentário da RTP e da Fundação Francisco Manuel dos Santos transmitido em dois episódios, no passado mês de abril.

Maria Alice conta sobre o namoro com o marido, a oposição dos pais, a vida do casal, o campo (“os homens ganhavam 14 escudos, as mulheres, 7”), as crianças pequenas, a força e a arte com que cavava um rego tão bem como um homem.

Com a genica da gente da terra, que ainda assim não disfarça os maltratos de um corpo sacrificado na labuta, Maria Alice recorda a diferença entre a vida do marido e o acumular das tarefas dela que às vezes levava

“uma gamela à cabeça, um filho ao colo e outro na ponta do avental”.

O documentário é apoiado pelas intervenções de pessoas ligadas ao estudo do tema bem como por dados estatísticos relevantes sobre os últimos quarenta anos da vida das mulheres em Portugal. É evidente a evolução positiva ao nível, por exemplo, da educação e da legislação (celebro aqui o marco igualitário que é a licença parental partilhada aquando do nascimento de um filho). E é também evidente o caminho que há para fazer em muitas áreas, como na igualdade salarial ou na representatividade política.

Quando o jornalista da TVI, Miguel Sousa Tavares, perguntou à coordenadora da *task force* do governo sobre ciências comportamentais, Margarida Gaspar de Matos, “que grupos [...] é que acha que sofreram mais neste ano de vida [...]?”, a psicó-

loga sorriu e tentou esquivar-se à resposta: “Acho que todos nós estamos a sofrer com isso, cada um de nós à sua maneira.” Para a investigadora, este *nós* inclui explicitamente crianças, adolescentes, mulheres, homens, migrantes, não migrantes, os mais velhos, os mais novos, trabalhadores, desempregados...

Margarida Gaspar de Matos acaba por recorrer aos resultados de estudos que dizem que os homens e os aposentados “não estão a sofrer tanto”. O jornalista sorri e a entrevistada interrompe o discurso para dizer, sorrindo também: “Está a ver? Já está com essa cara.” Sempre no tom ameno entre quem antecipa reações que já conhece e quem parece cansado de ouvir as mesmas análises, Sousa Tavares afirma: “Já me estou a sentir excluído.” E pergunta, “Porque é que os homens sofrem menos, já agora?” (TVI24, 19 de abril de 2021).

A partir daqui a conversa toma outro rumo, com várias questões importantes sobre a nossa vida atual face às crises abertas ou agravadas pela pandemia. Porque é que Margarida Gaspar de Matos quis evitar a referência a quem mais sofre ou a quem menos sente os impactos negativos da pandemia? É um frente a frente sem beligerâncias, mas com alguma, digamos, pirraça benévola, entre a mulher e o homem, que é mais do que entre uma mulher e um homem.

Por isso, “aquela cara” que o jornalista fez e no comentário sobre a “exclusão” está um bocadinho da resposta. É a reação de quem há mais de um ano está a ouvir que as mulheres sofrem mais com a pandemia e de quem há poucos anos começou a (ter de) ouvir que as mulheres continuam a arcar com a maior parte do quotidiano, acumulando tarefas exigentes, quer em casa, quer no trabalho, quer numa vida social de que as mulheres já não querem abdicar e que é uma terceira esfera de presença, além das esferas doméstica e laboral.

Os vários estudos académicos que se têm feito em Portugal sobre o impacto dos confinamentos e da pandemia na população, têm revelado resultados consistentes. No caso das mu-

lheres, o impacto
psic-

cológico é também reflexo de um aumento das responsabilidades e da sobreposição do espaço/tempo do trabalho com o espaço/tempo das tarefas domésticas, e do apoio aos filhos e aos ascendentes dependentes.

Ademais, os empregos ligados às limpezas e ao cuidar, muito sobrecarregados durante a pandemia, são ocupados maioritariamente por mulheres. Esses empregos são, ao mesmo tempo, áreas em que há maior precaridade laboral, salários baixos e contratos inexistentes, tornando as trabalhadoras facilmente descartáveis. Por outro lado, sem escola para onde enviar os filhos, as casas encolheram (mesmo nas famílias em que o espaço não é exíguo), os horários diferentes exigiram novas dinâmicas e partilhas. Sendo as mulheres já mais propensas à depressão e à ansiedade, é natural que esses sintomas se tenham agravado.

Não estou apenas a enunciar factos objetivos, estou a pensar em vidas subjetivas: mesmo quando a panela tem nome simpático e ligação à Internet, não deixa de ser uma panela. Os auscultadores são moderníssimos, sem fios, o computador está apoiado na bancada da cozinha, câmara apagada: as reuniões em “horário de homem”, ao fim do dia em dias infundáveis, sobrepõem-se à hora de preparar o jantar.

É preciso gerir tanta coisa. Com o marido sempre em casa, não dá para substituir o almoço pela gulodice de um café com leite e pão com queijo em frente à TV; as saudades dos netos, as saudades dos pais; as dores nas articulações depois da limpeza da casa com as costas curvadas e sem a preciosa ajuda semanal da empregada doméstica; a falta das amigas; a inépcia informática; o contacto impossível com o centro de saúde; a incapacidade para ajudar a filha com as contas da matemática; a falta do silêncio e do tempo para se encontrar sozinha. Nem já aquela viagem na carreira, a caminho do trabalho, com a cabeça encostada à janela. E se não volta ao trabalho?

Não tem sido sempre mau, nem mau para todos, é verdade. Sei que nem só de filhos e casamentos vivem as mulheres e sei que o sofrimento não é uma competição, sobretudo não é uma competição entre mulheres e homens. Mas não vale fazer “aquela cara”, entre o gozo e o enfado, e ser insensível aos concretos passos que todos (todos!) temos de fazer para não perpetuar fragilidades e invisibilidades baseadas no género.

Maria Alice levou sozinha a gamela, os filhos e o avental. É preciso entre todos equilibrar as gamelas, amparar os filhos e partilhar o avental. ■



Foto EPA / FRANCK ROBICHON, 2021.

S.A.G. - Santo António te Guie

De entre os muitos padroados de Santo António, hoje destacamos Santo António como protetor da correspondência.

Era costume colocar nos sobrescritos as iniciais S.A.G. (Santo António te Guarde ou te Guie) ou R.S.A (Recomendada a Santo António), para que a correspondência chegasse ao destino com a proteção do Santo. No século XIX, em Portugal, Espanha e Argentina (entre outros), foram criadas vinhetas com estas iniciais, que eram coladas junto dos selos do correio.

A origem da tradição não é clara, sendo atribuída por alguns autores ao milagre descrito nas Florinhas de Santo António, que se deu com o próprio San-

to, quando, em 1231, escreveu ao seu provincial a pedir que o isentasse da pregação para se entregar à oração, mas a carta desapareceu misteriosamente da cela, embora tenha recebido resposta pouco tempo depois.

Outros autores referem um milagre atribuído a Santo António que se passou entre Espanha e o Perú, em 1729. Um comerciante de Oviedo (Astúrias) emigrara para Lima, no Perú, onde tinha os seus negócios. A sua mulher tinha-lhe escrito várias cartas, mas começou a ficar preocupada porque não recebia qualquer resposta. Foi então à Igreja de São Francisco de Oviedo, onde se venera uma antiga imagem de Santo António. Fez as suas orações e colocou na mão do Santo uma nova carta dirigida ao marido,

*Pedro Teotónio Pereira
Museu de Lisboa
Santo António*

suplicando a Santo António que a fizesse chegar ao destino.

No dia seguinte, verificou que a carta permanecia na mão do Santo lamentando-se em voz alta, o que chamou a atenção do sacristão que veio inteirar-se do que estava a acontecer. A mulher explicou o sucedido e o sacristão pediu para que esta recolhesse a carta, pois ele próprio já o tinha tentado fazer, mas não tinha conseguido. E a pobre mulher, sem qualquer dificuldade, retirou a carta da mão do Santo, mas ao mesmo tempo várias moedas de ouro caíram a seus pés.

O sacristão admirado foi chamar os padres do convento, que presenciaram à leitura da carta que a mulher tinha na mão. Era a resposta da que enviara ao seu marido, onde este manifestava a estranheza de nunca mais ter recebido cartas da mulher, tendo ficado muito feliz quando finalmente recebeu a carta que lhe foi entregue por um frade franciscano. Dizia ainda que mandava a resposta pelo mesmo frade, tendo enviado ainda 300 moedas de ouro para que não tivesse qualquer necessidade até ao seu regresso.

Consta que esta carta ainda está guardada em Oviedo. ■



Vinhetas MA.FIL.0011 e MA.FIL.0020.
Em exposição do Museu de Lisboa – Santo António

Das nossas recordações de infância aos encontros pascais com o Ressuscitado, a humanidade é percorrida por um fio de horizonte que a une, a alimenta e a sustém: a Memória. Dela cuidar constitui uma sabedoria e um desafio.

Os verbos da salvação

7. RECORDAR

1.

Memórias afetivas, sensoriais e outras

10 mil é o número de estrelas que conseguimos ver a olho nu numa noite e local escuro. 100 mil milhões de estrelas é, segundo o site da Agência Espacial Europeia, o número estimado de estrelas só na Via Láctea. Encontramos a mesma quantidade num cérebro de um bebé ao nascer: 100 mil milhões de neurónios.

É fascinante o que se passa na cabeça de um ser humano ao nascer. Pensar na memória não é necessariamente um exercício abstrato ou de vocalizar, nostalgicamente, “ó tempo, volta para trás”.

A biologia, a psicologia, a ciência cognitiva e até, mais recentemente, a ciência dos computadores contribuem para o facto de a definição de memória estar em evolução. Socorro-me da psicologia para definir o que é a memória: faculdade de codificar, armazenar e usar informação.

Inclui três categorias: a sensorial, a de curto prazo e a de longo prazo. Todos estes tipos de memória têm características diferentes. Por exemplo, não controlamos conscientemente a memória sensorial, na memória de curto prazo temos informação limitada e na de longo prazo podemos armazenar uma quantidade indefinida de informação. Foi só em 1966, com a descoberta da potenciação a longo-prazo, que começámos a entender a memória como um processo neuro-químico.

Para este artigo, vamos lembrar-nos do património sensorial que levamos connosco e esquecermo-nos das patologias associadas à perda desta faculdade. No último artigo sobre o “Ouvir e escutar” falámos de um património auditivo, de como os bebés ao nascerem trazem consigo uma memória de sons da vida uterina que lhes permite reconhecer a voz da mãe e dos que estiveram mais próximos, de histórias ou músicas. Mas trazem mais do que isso consigo. Trazem já consigo um património gustativo.

A SOPA DE GRÃO-DE-BICO DA AVÓ É QUE ERA BOA!

Ali pela 30ª semana de gestação, sete meses e meio, ocorre a ativação das papilas gustativas, o bebê começa a saborear o que lhe chega. A dieta da mãe influencia a composição do líquido amniótico e os dados apontam que este será o primeiro passo no desenvolvimento da memória sensorial gustativa. O segundo será o leite materno, que muda de composição conforme a dieta da mãe. Claro que do ponto de vista evolucionário, por uma questão de sobrevivência – como vimos no primeiro “Verbo da Salvação”, o Comer – temos uma preferência inata pelo doce.

Não será por acaso que o patrimônio gustativo é também afetivo. Não é só uma questão de gosto, há certas comidas que associamos aos nossos e que, mesmo muitos anos mais tarde, continuamos a recordar.

Ainda hoje oiço falar de refeições e comidas com quase meio século. Não é por acaso que há marcas no mundo da alimentação que tocam exatamente neste ponto.

E SE JÁ TEMOS MEMÓRIA PORQUE NÃO NOS LEMBRAMOS EM ADULTOS DO QUE SE PASSOU QUANDO ERÁMOS TÃO PEQUENOS?

É a chamada amnésia infantil, quando em adultos perdemos a capacidade de nos lembrarmos de episódios que se passaram na primeira infância. Estamos a falar ali dos três, quatro anos para trás. Na maioria das vezes as memórias da primeira infância confundem-se com histórias que ouvimos.

É um fenómeno que ainda está longe de ser totalmente compreendido.

Há alguns fatores que parecem contribuir.

Por um lado, há que ter em conta as alterações no desenvolvimento dos processos básicos de memória, que ocorrem até à maturação na adolescência. Por exemplo, o hipocampo, responsável na formação da memória do tipo “quem, o quê, quando e onde”, desenvolve-se por completo entre os 3 e os 5 anos.

Por outro lado, a linguagem parece ser um fator relevante: do primeiro ano de vida até aos 6 anos as crianças passam do falar uma palavra (*olá, mamã, papá*) até serem fluentes na sua língua nativa.

A capacidade de uma criança verbalizar sobre um acontecimento quando este aconteceu permite estimar como se lembrará do mesmo, meses ou anos mais tarde. E quanto mais elaboradas e coerentes forem as histórias contadas pela família aos mais pequenos, maior capacidade terão estes de recordar os seus primeiros anos de vida.

O PARADOXO. SE NÃO NOS LEMBRAMOS PORQUE SOMOS INFLUENCIADOS?

Ainda que não nos lembremos dos primeiros anos da nossa vida, eles deixam vestígios na nossa memória que influenciam os adultos que eventualmente seremos. O laboratório de Cristina Alberini, neurocientista italiana e professora de neurociência na Universidade de Nova Iorque, investiga as bases moleculares dos processos de aprendizagem e memória.



Esta cientista interessa-se por entender quais são os mecanismos moleculares que estão na base da formação da memória de longa duração, a sua estabilização, persistência e fortalecimento. Alberini acredita que a identificação dos mecanismos que estão na base da disrupção ou fortalecimento é importante para compreender a memória em termos fisiológicos, mas também para caracterizar as doenças psicopatológicas.

De forma simples, o que propõe é que na primeira infância o hipocampo passa por um período crítico de desenvolvimento similar ao implicado no desenvolvimento da visão, da audição, da aprendizagem da linguagem.

É uma maturação funcional dependente da experiência em que o hipocampo e o sistema de aprendizagem do hipocampo estão altamente focados no processamento das primeiras experiências e no armazenamento de memórias infantis.

Cristina Alberini propõe que a amnésia infantil reflete um período crítico durante o qual o sistema de aprendizagem está a aprender como se aprende e se lembra.

É MÚSICA PARA OS MEUS OUVIDOS...

Talvez as memórias estejam lá, talvez só não saibamos como ativá-las. E a música parece ser um meio de ativação da memória.

Em termos práticos, lembro-me do vídeo que mostra a bailarina de idade avançada que, tendo perdido a memória e locomoção, ao ouvir certa melodia começa com uma sincronização espantosa a mexer o corpo da mesma forma que o fazia em palco.

Ou o documentário *Alive Inside*. Ou ainda da história que Françoise Dolto, pediatra e psicanalista francesa, conta num dos seus livros sobre a misteriosa música que a sua paciente se lembrava detalhadamente nos sonhos. Veio a descobrir que era uma música de embalar que a sua ama indiana lhe cantava no seu dialeto nativo. A última vez que a tinha ouvido tinha sido pelos seus nove meses, altura em que deixou a Índia.

E QUANDO NOS LEMBRAMOS DE COISAS BOAS QUE FIZEMOS?

Bom, parece que faz bem à saúde! Mas não vale só fazer uma, há que fazer muitas e recordar, porque uma mente bem cultivada, bem ajardinada – como um vergel – faz muito bem à saúde.





2.

A Páscoa, caminho de memória

Tendemos a associar o mistério da Páscoa ao futuro: também nós, um dia, participaremos do mistério da morte e ressurreição de Jesus, de cujo Corpo participamos e nos alimentamos. Se a Páscoa tem a ver com o passado também, é mais facilmente recordada quanto a Jesus e aos seus discípulos. E quanto ao nosso passado pessoal, à nossa memória? Que ligação poderá existir entre a história de cada um de nós e esta Páscoa a que também pertencemos?

Sabemos que uma existência reconciliada com o passado permite viver o presente de um modo mais liberto; sabemos também que tal reconciliação só acontece através de um recordar, e não através de um esquecer. Por isso recordar é um verbo densamente pascal (como qualquer verbo!): implica uma passagem, um movimento, uma travessia, um perder e recuperar “cem vezes mais”. Através de uma leitura meditada de três relatos pascais evangélicos, procuraremos descobrir como os primeiros discípulos reconheceram o Ressuscitado através de um processo de memória. O leitor poderá, se o desejar, fazer-se acompanhar de um Novo Testamento e percorrer, primeiro, os textos bíblicos que serão propostos para a leitura.

Os Evangelhos não apresentam discursos teóricos ou doutrinários para expor a sua fé na Ressurreição de Jesus: o lugar do discurso, do ensinamento, está reservado a Jesus, o Mestre; aí os discípulos não ensinam, apenas seguem. Para expor o acontecimento pascal, os Evangelhos relatam experiências de encontros pessoais, testemunhas que reconheceram o Ressuscitado. Não apenas que O viram, mas que O reconheceram. Ver é da ordem do evidente, do que impõe, de algo que não nasce de nós; mas a experiência pascal pede também uma abertura, um discernimento, uma liberdade. Reconhecer é um trabalho de leitura dos sinais, dos textos, dos acontecimentos. Por isso só os discípulos podem reconhecer o Ressuscitado, e cada discípulo com o seu nome próprio e a sua história, a sua memória.

O Novo Testamento no seu conjunto – especialmente os quatro Evangelhos, o livro dos Atos dos Apóstolos e as Cartas de Paulo – apresentam diversos testemunhos de encontro e reconhecimento do Ressuscitado. A sua pluralidade – plasmada, por exemplo, em pormenores e modos diferentes de relatar este acontecimento – releva não só que não se trata de relatos jornalísticos neutros, como também que se trata de relatos assentes na memória e na tradição oral. De facto, segundo os investigadores nos estudos bíblicos, os textos que nos chegaram terão sido elaborados, na sua versão definitiva, cerca de 30 a 40 anos após os acontecimentos que tiveram lugar em Jerusalém. Tal terá uma razão muito prosaica: a morte das primeiras testemunhas, os apóstolos, discípulas e discípulos que deram início à vida das comunidades cristãs. Antes de ser texto, o relato pascal foi memória, catequese oral, tradição alimentada pela pregação.

E foi para preservar essa memória que surgiram os textos do Novo Testamento.

AS MULHERES E A MEMÓRIA DO SEPULCRO VAZIO (Mt 28, 1-10)

Um dado é comum aos quatro Evangelhos, conduzindo-nos assim ao núcleo primitivo da experiência pascal cristã: a ida das mulheres ao sepulcro.

Uma investigadora norte-americana, Kathleen E. Corley, através da análise dos textos bíblicos em comparação com a cultura mediterrânica antiga, sugeriu recentemente a hipótese de as primeiras comunidades cristãs se reunirem em torno de um gesto muito feminino de fazer a memória funerária do seu Mestre, com o gesto da fração do pão que Ele instituiu.

Algo parece evidente: a fé no Ressuscitado não advém primeiramente de um exercício de reflexão doutrinal ou de busca de provas – atividade tradicionalmente masculina, sobretudo no século I dos filósofos,

escribas e doutores da lei – mas sim de uma abertura afetiva da memória em torno dos sinais e das marcas do Mestre de Nazaré.

Daí que os Evangelhos sejam unânimes em referir as dificuldades dos discípulos varões em dar crédito ao testemunho das mulheres que vão ao sepulcro e se deparam com o facto de o Senhor não estar lá: mesmo elas próprias parecem fora de si (Mc 16, 8). Deparamo-nos, aqui, com a memória do sepulcro vazio. Algo de uma experiência similar pode dar-se na nossa vida: a experiência de voltar à casa de alguém recentemente falecido; essa pessoa já lá não está, é um lugar vazio. Sentimos aí, talvez pela primeira vez, uma falta, a ausência de um corpo.

Da experiência destas mulheres temos hoje apenas testemunhos, sinais escritos, elementos. A fé no mistério pascal pode comparar-se a uma rede de experiências que se entrecruzam e se alimentam em tensão – a



Fresco da Ressurreição: as mulheres e o anjo que lhes aponta o sepulcro vazio. *Basilica de São Sernin, Toulouse, França, 1180. Foto de Didier Descouens, 2020, Wikimedia Commons.*



Os discípulos de Emaús, Caravaggio, 1606, Pinacoteca de Brera, Milão, Itália, Wikimedia Commons

presença na comunidade, os sinais da fração do pão e da água batismal, o sentido das Escrituras e da história da salvação, o serviço aos irmãos mais pobres... Toda a nossa vida será um peregrinar neste mistério. Mas aqui parece surgir uma dimensão essencial: a visita feminina ao sepulcro. Depois advirá a pregação de Pedro no templo de Jerusalém – narrada pelo livro dos Atos dos Apóstolos – uma pregação triunfal, acompanhada de sinais em nome do Ressuscitado e da adesão de novos membros ao Caminho, primeiro nome pelo qual foi conhecida a comunidade cristã. Depois virá isso.

Mas antes vem o luto, a companhia possível na morte, o seguir o Mestre para lá da Cruz – para o sepulcro. Os Evangelhos são unânimes em referir a deserção dos Doze na Paixão: não poderão, por isso, ver o túmulo vazio, a memória da dor, dar-lhe um lugar afetivo. Só para as mulheres a morte terá um lugar, uma memória.

Não obstante, os Evangelhos são claros em afirmar que esta memória do sepulcro é uma memória pascal: há uma passagem, um movimento que impede as mulheres de ficarem retidas, paradas, centradas no desaparecimento e morte do seu Mestre.

Do sepulcro vazio é proclamada uma Boa-Notícia que as mulheres deverão transmitir aos discípulos, convertendo-as em missionárias. A tristeza tem lugar, mas não tem a última palavra. A memória do sepulcro – do sofrimento, da perda, da morte – não é nem evitada, nem autocentrada, mas sim atravessada: é uma memória pascal.

OS DISCÍPULOS DE EMAÚS E A MEMÓRIA DA ESCRITURA E DA FRAÇÃO DO PÃO (Lc 24, 13-35)

Nas diversas linguagens evangélicas sobre os encontros com o Ressuscitado encontramos vestígios de dois movimentos:

por um lado, os discípulos que permaneceram em Jerusalém após a Paixão, possivelmente numa atitude discreta e receosa perante o meio adverso, mas, não obstante, a reler e fazer memória do projeto de Jesus. Por outro lado, os discípulos que, após a desilusão de Sexta-feira Santa, regressaram aos seus locais de origem que terão deixado para seguir o Mestre de Nazaré. Deste movimento serão exemplo os discípulos de Emaús, um relato próprio do Evangelho de Lucas.

A memória, mesmo que fragilizada pela tristeza, faz parte do caminho e abre à companhia do Ressuscitado. Os discípulos não reconhecem o Senhor pois não são capazes de ver para lá daquelas que eram as suas expectativas do Messias. Necessitam de fazer um caminho, um processo que é comum a qualquer ser humano: a cura da memória. Um acontecimento traumático os fez afastarem-se de Jerusalém: a morte de Jesus. Não era esse, de modo nenhum, o fim que previam e esperavam para o Messias. O fracasso, o sofrimento e a injustiça não tinham lugar no seu seguimento, no que consideravam ser a vocação e o projeto de Jesus.

São, não obstante, capazes de falar dessa tristeza, dessa memória, quer entre eles, quer com o companheiro desconhecido de viagem. A recordação dos acontecimentos, a abertura da memória, a leitura do passado recente colocá-los-á num caminho pascal de cura.

O texto expõe a presença de dois elementos à disposição dos discípulos, que são mediação privilegiada do próprio Ressuscitado: a Escritura e a Fração do Pão, nome primitivo com que a comunidade designava a Eucaristia. Podemos reconhecer aqui os elementos que ainda hoje formam a liturgia eucarística: primeiro, a leitura da Escritura. Esta constitui em si uma memória privilegiada que ilumina, alarga e alimenta a nossa própria memória. Através das Escrituras, os discípulos saem do círculo fechado do presente da sua tristeza e desilusão, para encontrar na tradição de um povo e de uma comunidade os testemunhos da presença de Deus na história. Uma Escritura que nos chega até hoje, não apenas com os escritos de Moisés (a Lei) e dos Profetas, mas também com o Novo Testamento, a memória dos nossos pais na fé.

Segundo, a Fração do Pão. Foi o gesto, o único testamento que Jesus deixou em sua memória, o sinal do seu corpo e da sua vida entregues. Agora, os discípulos reconhecem o Mestre, vivo e presente, quando Ele já lá não está, tal como no sepulcro: agora, o Corpo de Jesus são os próprios discípulos, a sua voz, os seus membros, a sua presença. Tal como o sepulcro vazio, também a memória das Escrituras e da Fração do Pão não prende os discípulos, mas coloca-os a caminho, em direção aos companheiros de Jerusalém. O Ressuscitado desaparece da sua vista quando O reconhecem, porque não é um ídolo, mas a memória viva e libertadora de Alguém que está presente.

PEDRO, OS COMPANHEIROS E A MEMÓRIA DA GALILEIA (Jo 21, 1-19)

Uma tradição primitiva, presente nos Evangelhos de Mateus, Marcos e João, refere o mandato que o Ressuscitado confia às mulheres e aos discípulos de se dirigirem à Galileia, onde O verão (Mt 28, 10).



Pedro e Jesus caminham na água, manuscrito Arménio, 1433, Museu Matenadaran, Arménia. Foto de Michel Bakni, Wikimedia Commons



Mar da Galileia, Foto Fadil Saba, 2012, Wikimedia Commons.

Poderá estar aqui presente, possivelmente, uma expressão de comunidades de discípulos de Jesus vinculadas não tanto a Jerusalém e aos Doze Apóstolos, mas às zonas rurais por onde Jesus passou a ensinar e a curar. Mas a mensagem é sobretudo teológica: o Ressuscitado não é outro senão o mesmo Jesus que “passou fazendo o bem” (At 10, 38) nos caminhos da Galileia, nas suas parábolas, nos seus encontros e milagres, no chamamento dos discípulos. É o mesmo Jesus: não é possível encontrar o Ressuscitado senão na memória do Profeta do Reino de Deus. No fundo, será preciso regressar à Galileia, ao início do Evangelho.

O evangelista João elabora uma catequese em torno a este regresso à Galileia no seu capítulo 21.

Aí, Pedro e alguns dos discípulos estão a pescar, como quando foram chamados a seguir Jesus. Trata-se da memória de uma vocação originária e primordial. Também aqui não encontramos Pedro e os Apóstolos a pregar

em Jerusalém e a liderar a comunidade, tal como é narrado no Livro dos Atos: o encontro com o Ressuscitado dá-se na memória da sua passagem pela Galileia onde partilhou o pão e o deus a comer à multidão. Também surge aqui a memória das pescas infrutíferas dos discípulos e das suas perigosas travessias do mar, restabelecidas pela presença do Senhor: a memória pascal reconhece as passagens do perigo e da dor para a libertação, da morte para a vida.

É neste regresso à Galileia como memória coletiva dos discípulos que o Evangelho de João nos apresenta a memória pessoal de Pedro. Também a esta o Senhor quer reconciliar, não através do juízo, da prova ou da condenação, mas através do amor. Três perguntas, três insistências de Jesus sobre o amor, trazendo imediatamente à memória as negações de Pedro na Paixão. Tal insistência deixa Pedro triste: se o Senhor sabe tudo, porque pergunta? O processo é doloroso: o Senhor não precisa de uma tripla declaração que

compense a tripla negação, Ele conhece o amor de Pedro. A sua pedagogia conduz antes Pedro ao lugar da sua Paixão, da sua negação, da perda da sua união ao Mestre. Terá de ser no amor, e não apenas na fé, que Pedro seguirá a Jesus e viverá o seu serviço de líder da comunidade. Mas, antes, terá de recordar os seus passos mal seguidos e reconciliá-los no amor.

Se a memória pascal conduz ao seguimento na Galileia, também conduz às quebras e dúvidas desse caminho. Tudo faz parte da vida do discípulo, tudo é lido, dialogado e sanado por Aquele que a todos dá o seu Espírito. Naquela que é uma narrativa pascal, estão presentes dois aparentes fracassos: uma pesca infrutífera, de noite, e a recordação de Pedro da sua negação. Também essas memórias fazem parte da fé pascal de Pedro e da nossa, para que o Ressuscitado possa não julgar ou condenar, mas recriar a partir das suas cinzas. O seguimento de Jesus é, também, um caminho de cura da memória. ■

Livros

O TEMPO DAS IGREJAS VAZIAS

A experiência do chamado primeiro confinamento foi a oportunidade para o teólogo checo Tomás Halík – autor de *Paciência com Deus* ou *O meu Deus é um Deus ferido*, entre outros – desenvolver uma fecunda reflexão sobre um modo novo de ser Igreja na sociedade ocidental. Recusando, no seu ministério paroquial, a mera transmissão digital dos rituais litúrgicos – pois, para haver uma celebração sacramental, é necessária a presença real da comunidade cristã – Halík propôs ao invés um conjunto de reflexões bíblicas em torno dos domingos da Quaresma e Tempo Pascal, acompanhadas de propostas de oração pessoal e familiar. “Sim, às vezes é útil interromper mesmo a prática comum de ‘ir à igreja’, na medida em que se tornou uma rotina de consumo passivo, e procurar novos caminhos”. São estas homilias que surgem agora reunidas nesta obra.

A ausência de celebrações públicas foi uma oportunidade para mergulhar mais para o fundo e colocarmo-nos questões essenciais. Se para muitos católicos a ida à missa dominical era um dos principais pilares da sua identidade cristã, agora terão de se questionar sobre o que pode ser uma nova e mais profunda fonte da sua vida de fé. O que faz de um cristão um verdadeiro cristão, quando o ‘funcionamento da Igreja’ tradicional de repente deixa de funcionar?

Seguindo a pedagogia do mistério pascal – a fé que permite a ferida, a passagem, o silêncio e a morte para renascer de um modo novo, diferente e fecundo – Halík expõe, numa linguagem coloquial, uma compreensão sapiencial da experiência cristã. O cristão e a comunidade cristã seguem aqui os passos do seu Mestre, na transfiguração de uma época histórica atual difícil, chamados e impelidos pela força de um vírus a sair das igrejas em direção a um mundo carente de fraternidade e compaixão.



Autor
Tomás Halík
Edição
Paulinas
Páginas
152

DO LADO DE CÁ DA MEIA-NOITE

Seis ensaios, de diversos contextos e origens, reúnem-se neste novo volume de D. António Couto, que já habituou o leitor a uma reflexão alimentada pela sabedoria bíblica. O contexto atual de crise pandémica é o mote para descobrir na Bíblia as múltiplas crises que o povo de Deus atravessou, desde o Êxodo ao Exílio na Babilónia, da Cruz à Páscoa. A abrir surge-nos a figura do profeta Jeremias, em cujo corpo, singular e comunitário, se atravessou a noite e o amanhecer, o fracasso e a esperança. No meio, a certeza de que Deus abre, no seio das violências da história, um caminho novo, uma nova mentalidade.

É sabido que as grandes páginas bíblicas e o movimento substancial que atravessa a Bíblia não resultam de pacientes reflexões sistemáticas, por via teórica, mas da vivência e leitura dos acontecimentos difíceis da vida, por via traumática.

A busca de uma nova educação, na fé e na conversão do coração, é o único caminho para que da crise não se regresse à situação anterior que a gerou, mas se supere em direção a um modo de viver novo.

É também um tempo de graça, de reflexão, de leitura atenta aos sinais que Deus coloca diante de nós e do lançamento de pontes para um novo tempo de esperança, a céu aberto, um caminho rasgado no deserto, sem posse, mas completamente aberto ao milagre.

Neste novo ensaio percebe-se como o texto bíblico pode ser recebido, não como um compêndio de ensinamentos morais ou um conjunto de histórias, mas como o testemunho de uma sabedoria, de uma maneira de pensar Deus e o ser humano. Nas entrelinhas do texto descobrimos as filigranas de um Deus de Amor que busca pela mão uma Humanidade doente, não apenas de um vírus. ■



Autor
António Couto
Edição
Paulus
Páginas
152

TER UMA CASA
NÃO É TER UM LAR

Nomadland - Sobreviver na América,
de Chloé Zhao, Drama, M/12, EUA e Ale-
manha, 2020. Óscares 2021: Melhor Filme,
Melhor Realização e Melhor Atriz.

Pe. Manuel Monteiro Mendes

Apesar de uma carreira já muito premiada (e está ainda nomeado para seis Óscares) *Nomadland – Sobreviver na América* nunca será um filme consensual. E cada um vê-lo-á de um ponto de vista diferente, como sempre. Sem ser arrebatador – a não ser talvez a personagem de Fern, a única actriz presente – coloca-nos algumas questões pertinentes. Diz-nos sobretudo que, a partir de uma certa altura da vida e em certas situações, não é preciso muita coisa para viver e ser feliz: basta uma carrinha e uma estrada que o resto há-de encontrar-se.

Creio por isso que o filme não é fundamentalmente – ainda que isso também esteja presente e seja até a motivação primeira do livro que lhe deu origem – uma denúncia do capitalismo e dos pobres que ele gera. Aquilo que chama a atenção é perceber como todas aquelas pessoas nómadas fizeram aquela opção de vida. Cada uma pelas suas razões. Cada uma fugindo ou procurando alguma coisa. Significativo a este respeito é um breve diálogo entre Fern e uma adolescente que tinha sido sua aluna, quando se encontraram num supermercado. Esta vinha acompanhada pela irmã e pela mãe e percebia-se a ‘pena’ com que olhavam Fern por saberem das dificuldades que estaria a passar. Ficando um pouco para trás, a antiga aluna comenta com Fern que ‘a mãe dizia que ela era uma *‘homeless/sem abrigo’*. Mas Fern responde que não é *homeless* mas sim *‘houseless/sem casa’*, o que não é a mesma coisa, concordam ambas.

De facto, o que o filme põe diante de nós é uma série de pessoas que escolheram deixar a sua casa, seja porque já não fazia sentido continuar a viver naquele lugar, seja porque lhes seria difícil continuar a pagá-la, seja porque acreditavam que seriam mais felizes ao viver daquela maneira. E é aqui que o filme se torna bastante sedutor para alguns e outros acharão serodidamente romântico.

A verdade é que talvez seja possível viver com menos, não ser escravos do trabalho e da necessidade/obrigação de acumular. Pelo menos a partir de determinada altura da vida. A maior parte das pessoas que vamos conhecendo são mais velhas e querem apenas sentir-se livres, estar em contacto com a natureza e avançar serenamente para a morte. Fazem uns pequenos trabalhos sazonais que lhes permitam ter o mínimo para comer, meter combustível na carrinha e viver uma vida simples.

Nascido de um livro/reportagem da jornalista Jessica Bruder, ao longo de três anos, *Nomadland* é um retrato de uma realidade que atravessa toda a história da América e que é uma espécie de marca do país desde a sua fundação: a deslocação das populações e a itinerância atrás de uma vida melhor, naquelas paisagens imensas e abertas (impossível não lembrar *As Vinhas da Ira*, por exemplo, ainda que num tempo e perspectivas muito diferentes), o filme balança entre o documentário e a ficção. Talvez seja esta uma das suas limitações.

A personagem interpretada por Frances McDormand serve precisamente para ligar as outras pessoas, reais, permitindo-nos conhecer as suas histórias, os seus dramas e os seus sonhos. Liberdade é seguramente uma palavra importante por trás do filme. Cito a autora:

Toda a gente tem uma ideia diferente do que significa ser livre e para muitas pessoas na estrada a ideia de uma casa tradicional tornou-se tão impossível que começaram a senti-la como armadilha. Não há uma liberdade perfeita. A liberdade perfeita é outro mito, porque se estamos na rua, há muitos desafios, muitas coisas que nos podem tirar da estrada. Se a carrinha se estraga e não a conseguimos arranjar, não ficamos apenas sem transporte, mas sem casa. (ípsilon, Público, 16 de Abril). ■

A economia donut

uma proposta para repensar
a economia mundial

Luísa Gonçalves

Kate Raworth no TED2018 – *A Era do Espanto*, Abril 10 – 14, 2018, Vancouver, Canada.
Foto: Bret Hartman / TED, in <https://energy-cities.eu/>.

Ao longo do tempo, especialmente neste último ano acentuado pela pandemia, tem crescido a consciência de que os tradicionais modelos económicos não servem para trazer felicidade ao maior número de pessoas possível. Têm, inclusive, falhado a responder às necessidades mais básicas de uma grande parte da população mundial.

Partindo deste premissa, Kate Raworth, economista e Professora na Universidade de Oxford, lançou o livro *A economia Donut: Sete formas de pensar como um economista do século XXI*.

Neste livro, Kate Raworth, sugere uma abordagem para medir a economia assente no desenvolvimento sustentável. Através deste novo modelo teórico, Raworth, dá um importante passo no desafio de repensar a economia estabelecida: construir um novo léxico e novos indicadores

que nos permitam medir o desenvolvimento dos países, não só pelo dinheiro disponível ou pelos empreendimentos em betão, mas também através de uma combinação de bases sociais e impacto ecológico de cada país. Desta forma, Kate acredita ser possível colocar numa nova perspetiva os problemas económicos.

Neste livro é apresentado um modelo visual (em forma de *donut*) com a combinação dos seguintes fatores:

BASES SOCIAIS – COM BASE NOS OBJETIVOS PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DAS NAÇÕES UNIDAS

1. Acesso a alimentação segura
2. Acesso a saúde e educação
3. Rendimento e trabalho (sendo que o trabalho aqui não se refere exclusivamente ao desenvolvido para obter rendimento, mas também a todo o trabalho informal ao serviço da família ou outros dependentes)
4. Paz e justiça
5. Liberdade política e intervenção cívica
6. Igualdade de oportunidades sociais e de género

7. Acesso a habitação segura
8. Rede social (referindo-se à capacidade de interação entre pessoas que vivem e trabalham numa mesma sociedade, criando a possibilidade de relações eficazes que promovam o bem comum)
9. Conforto energético
10. Acesso a água potável

IMPACTO ECOLÓGICO

COM BASE NOS LIMITES PLANETÁRIOS DESENVOLVIDOS PELO GRUPO SISTEMA DA TERRA, LIDERADO POR JOHAN ROCKSTRÖM E WILL STEFFEN

1. Impacto na alteração climática, nomeadamente nas emissões de dióxido de carbono e metano
2. Acidificação dos oceanos e o seu impacto na biodiversidade marítima
3. Poluição química
4. Utilização de nitrogénio e fósforos através do uso excessivo de fertilizantes
5. Utilização excessiva da água doce
6. Conversão da terra para atividades económicas, provocando perturbações em ecossistemas
7. Perda de biodiversidade
8. Poluição do ar
9. Destruição da camada de ozono

Através da combinação delicada e complexa destes fatores Kate Radworth acredita estar garantido

que ninguém fica para trás naquilo que é essencial à vida (desde a alimentação, a habitação, o acesso à saúde e a intervenção política), assegurando simultaneamente que, coletivamente, não colocamos mais pressão no sistema de suporte à vida na Terra (...).

A autora acredita que a medição do desenvolvimento de um país, deixou de ser fidedigna quando medida apenas através dos indicadores clássicos como o PIB *per capita*. Face à atual complexidade de relações sociais e, especialmente, à luz dos graves problemas ambientais que enfrentamos, é urgente colocar todos estes fatores em cima da mesa, quando comparamos o desenvolvimento entre países.

Ao longo do livro, a economista coloca em perspetiva os modelos económicos tradicionais, fazendo o exercício de olhar para a economia como ciência social que é e não como um mecanismo que está montado.

Mas, logicamente, este novo paradigma implica que haja uma alteração profunda da consciência coletiva. Não só do lado de quem toma as decisões, mas também de quem é impactado por elas.

Devemos ser capazes de exigir e contribuir para uma sociedade onde a economia esteja atenta a todos e seja medida por indicadores holísticos que promovam uma ecologia integral, onde o homem e a criação, convivam harmoniosamente



Modelo *Economia Donut*, de Kate Raworth (2017), traduzido do inglês.

e onde nós, seres criados à imagem e semelhança de Deus, assumimos o papel de guardiões da Criação e não atuamos sobre ela com um sentido de posse, mas sim de dádiva.

O livro *Economia Donut - Sete Formas de Pensar Como um Economista do Século XXI*, de Kate Raworth, encontra-se disponível à venda, em Portugal. ■



O dom frágil da vida

Ana Rocha

A palavra “dom” alude a uma dádiva, um benefício, um dote natural. Quando a aliamos à palavra vida percebemos que existe nesta associação, a maior dádiva que todo o ser humano recebe e que lhe possibilita a existência no Mundo! E este é o ponto de partida.

Não pedimos o dom da vida, mas é-nos dado e junto com ele vem a incógnita de como será a vida, as relações que ela possibilita e até quando existe. O dom da vida decorre da união de 2 pessoas, alicerçada ou não pelo amor, e traduz-se numa nova existência humana que tem tanto de belo como de incógnito e de frágil.

Enquanto enfermeira, no cuidar do ser humano ao longo do seu ciclo vital, desde a gestação à sua finitude (morte), verifico que a fragilidade da vida se encontra patente em vários momentos. Logo à partida, o dom da vida resulta da vontade de outrem, ou seja, a primeira fragilidade surge logo

na gestação. Nascemos porque outros determinam que tal aconteça ou não. Somos dependentes do outro na conceção e no nascer e depois na manutenção da nossa vida, na primeira infância. Existir, porque o outro assim o determina ou apoia essa existência, é a primeira fragilidade que encontro na vida, a qual se vai perpetuando noutras dependências e circunstâncias.

Outra fragilidade da vida é não sermos integralmente donos dela, pois ela não é só o que queremos que seja. Ouvimos tantas vezes dizer num grito de autodeterminação, que “a vida é minha, faço dela o que quero”! E até certo ponto é verdade, mas não o é na sua totalidade. E por não o ser, identifico uma nova fragilidade no dom da vida.

A vida acontece e mostra-nos que os nossos planos não são assim lineares e fá-lo, sempre que nos surpreende com uma doença ou deficiência física/mental grave inesperada, um acidente que nos empurra para uma nova dependência, uma perda de emprego que nos deixa com dívidas, uma pandemia que nos obriga a alterar a

liberdade individual pelo bem maior coletivo e a privar-nos do abraço e de estar com os que amamos sem limitações. Em todas estas situações, somos sujeitos a perda de controlo e somos confrontados com a vulnerabilidade da vida que, desta forma, nos faz depender de outros para que subsista. E isto torna-nos frágeis, vulneráveis e mostra o quanto o dom da vida também o é.

Quando somos confrontados com a fragilidade do dom da vida, sobretudo perante o envelhecimento, a dependência, o sofrimento e a morte, somos impelidos a ativar a nossa *humanidade*, a juntar energias que conferem resistência ao outro na sua fragilidade, a assumir um olhar dirigido às necessidades do outro e a tocar a sua vida enquanto suporte de cuidado. É imprescindível ativar os mecanismos individuais da pessoa, da família ou da comunidade, objetivando o alívio do sofrimento.

NAS FRAGILIDADES DO DOM DA VIDA SOMOS CONVIDADOS, QUER QUEM PASSA PELA FRAGILIDADE, QUER QUEM ESTÁ À SUA VOLTA, A SER TAMPÃO PLAQUETÁRIO E CASCATA DE COAGULAÇÃO.

Explicando melhor! Perante uma hemorragia, a coagulação sanguínea permite a transformação do sangue líquido num gel sólido, designado de coágulo sanguíneo com o objetivo de parar a hemorragia. Quando existe uma lesão (fragilidade), as plaquetas são ativadas e vão iniciar a sua função na formação do tampão plaquetário, que dá um contributo para iniciar a cascata da coagulação, uma sequência de passos que permite

Ana Maria Neves Rocha, enfermeira no Serviço de Cuidados Paliativos do IPO Coimbra.

Mestre em Cuidados Continuados e Paliativos e Especialista em Enfermagem Médico Cirúrgica à pessoa em situação crónica e paliativa.

Assistente Convidada na Escola Superior de Saúde da Universidade de Aveiro e na Faculdade de Medicina de Coimbra.



ativar outros fatores necessários para controlar ou parar a hemorragia. Se nada fosse feito, se o sangue não se transformasse de líquido em sólido, se as plaquetas não se unissem e os fatores de coagulação não se ativassem, os danos da hemorragia seriam maiores.

Esta metáfora procura demonstrar que, perante a fragilidade do dom da vida somos impelidos à transformação, tal como o sangue líquido se transforma em coágulo, não deixando de ser na sua essência o que é, mas mutando-se para uma nova realidade e necessidade, agindo perante a fragilidade que se apresenta. Do mesmo modo, somos convidados a ser e criar redes de suporte (tal como as plaquetas), ativando apoios que fortaleçam e/ou aliviem o sofrimento causado pela fragilidade da vida na sua dimensão física, psicoemocional, socioeconómica e espiritual. A fragilidade do dom da vida incita-nos a “ouvir com outros olhos”, como alude o Dr. João Lobo Antunes, num convite à intencionalidade da nossa *humanidade* para com a vulnerabilidade da vida, à inquietação interminável de nos aproximarmos do outro e à capacidade de nos reinventarmos, ao ponto de escutarmos a dor do outro sem a cegueira do ritmo alucinante da vida, com a certeza que o valor da vida está no hoje e naquilo que ela nos possibilita hoje.

O amanhã é esperança, mas também é incógnita por sabermos que a vida terrena é finita.

Acresce ainda a esta reflexão perceber que, vida é tão frágil para nós, que não termina nela própria e se perpetua para além da nossa finitude física, do nosso último sopro, da nossa morte biológica. Não temos controlo sobre isso! A maioria dos que estão no leito da morte ou que pensam na sua finitude, preocupam-se como ficarão os que amam na sua ausência, pois sabem que permanecem vivos na lembrança das pessoas para as quais foram significativos e perpetuam-se neles e na sua existência. E essa permanência traz inicialmente, na vivência de quem está no inexorável caminho para a morte, elevado sofrimento e angústia, que se apazigua ao transformar a dor em amor.

É sem dúvida na fragilidade, que o dom da vida assume a sua intensidade. É a fragilidade que confere à vida maior valor, que lhe imputa sofrimento, lhe alude cuidado e nos desafia no amor.

E quando o amor encontra o sofrimento nasce a compaixão que promove a solidariedade, o altruísmo, o acolhimento e outras ações essenciais do ser humano para a existência e sobrevivência da humanidade. ■

Gente das periferias

Fabio Scarsato

Ilustração: Luca Salvagno

“Ter um apartamento no centro da cidade custa os olhos da cara” ou “Vamos fazer compras no centro” são duas maneiras de dizer, que indicam, para além de um local físico que podemos assinalar no mapa de uma cidade, um lugar simbólico bem definido.

Trata-se de uma ambição, de um sonho, de um desejo universalmente reconhecido. Quem ‘vive’ no centro, mesmo que seja apenas para um passeio ou uma refeição de passagem, pertence ao grupo dos que contam, dos que têm uma certa posição social. Mas acima de tudo, podem distinguir-se dos “rasca”, dos outros, isto é, daqueles que vivem nas periferias, longe do centro, nos subúrbios degradados e abandonados por Deus.

Nas periferias, se quisermos utilizar palavras pesadas, vive uma tribo sub-humana de derrotados, incapazes, desfavorecidos, miseráveis e parasitas. Aqui, o povo tenta sobreviver, sem méritos nem aspirações, dedicando-se a biscates e subterfúgios. Podemos dizer que o imaginário dos subúrbios é, ainda, o mesmo que Charles Dickens narra nos seus romances do século XIX.

Santo António nasceu no “centro” da cidade, de família nobre, pertenceu a uma ordem religiosa de renome, com abadias ricas e uma vida invejável. Mas, ao tornar-se franciscano, muda-se literalmente para as periferias.

Do ponto de vista geográfico, como todos os “lugares” habitados pelos frades menores, tanto o ermitério de Santo Antão dos Olivais, como o pequeno convento de Santa Maria, Mãe do Senhor, ficavam, naquela época, fora das muralhas de Coimbra e de Pádua. E fora das muralhas ficavam a ermida de Camposampiero e o lugar de Arcella, onde havia um pequeno mosteiro de Clarissas e uma pequena casa dos frades, onde António viria a morrer. Claro que isso aconteceu, também, por uma necessidade económica, dado que as finanças dos frades eram quase nulas.

Na realidade, tinha sido o próprio São Francisco a dizer que era precisamente neste género de lugares que queria viver: fora da cidade, para onde eram expulsos, ao anoitecer, quando os portões fechavam, os pobres, vagabundos e marginais.

Aliás, não está escrito no Evangelho que também Jesus viveu assim? Não nasceu numa gruta fora da cidade? Não morreu “fora das portas da cidade”? (Heb 13,12).



Também Francisco, que vivia numa situação de bem-estar e segurança, em Assis, foi conduzido por Deus por entre os leprosos da planície que se estende no sopé da cidade e, portanto, de cima para baixo, de dentro para fora (como recorda no Testamento). Ele próprio quis seguir este caminho, pedindo, inclusive, que fosse enterrado no “morro do inferno”, o lugar das execuções, fora das muralhas de Assis.

As periferias são, portanto, um lugar especial, apesar das conotações desprezíveis do termo. É como se, por estes lados, circulasse mais vida e mais Espírito. Um lugar privilegiado onde se manifestam a misericórdia de Deus e a solidariedade dos seus filhos e filhas.

Um laboratório de humanidade onde somos mais verdadeiros, mais frágeis e indefesos, mais semelhantes uns aos outros. Como se, só desde este ponto de vista privilegiado, fosse possível ver melhor, sem que ninguém se perca.

As periferias, um lugar privilegiado onde se manifestam a misericórdia de Deus e a solidariedade dos seus filhos e filhas.

Aqui circula mais vida e mais Espírito do que em qualquer outro lugar.

Periferias geográficas que são, também, existenciais, como o Papa Francisco gosta de repetir.

Sentimos isso através das pessoas que António vai encontrando: famílias pobres, mulheres maltratadas,

crianças rejeitadas, presos, pobres de todos os géneros, mas também bispos e prelados indignos.

Porque, ao fim e ao cabo, a fronteira entre o centro e as periferias passa pelo coração de cada um de nós.

E só aí as periferias podem voltar a ser... o centro. ■





Detalhe da coleção de azulejos que narra a lenda de Santa Iria, na igreja paroquial de Santa Iria. Foto: Habibich, 2020 | Wikimedia Commons.

Jovens... e santidade “à portuguesa”

1. Santa Irene (Iria)

Luís Leal

A história de Irene/Iria é um intrincado “problema hagiográfico e toponímico”, como lhe chamou o padre e historiador Avelino Jesus da Costa, uma vez que, tal como acontece com outros santos, aquilo que acerca dela se afirma está envolvido, por um lado, pela memória, literatura, espiritualidade e devoção e, por outro, pelo silêncio a que a História positivamente nos atira quanto à existência real de tal personagem.

De facto, estamos no registo da lenda... Mas não se entenda esta como algo de meramente fantasioso: lenda tem origem no latim *legenda*, ou seja, “coisa/aquilo que deve ser lido”, histórias que “devem ser lidas”, quer dizer, conhecidas e transmitidas de geração em geração, pois através delas perpassa também a nossa cultura, a nossa identidade e, no fundo, algumas das “lições” que a História nos tem para dar.

Ora, narra então a lenda de Irene (que se mistura com a lenda popular de Iria) que esta nasceu por volta do ano 635, em Nabância, uma *villae* (casa de campo) romana próxima de *Sellium*, nome antigo da cidade de Tomar.

Ao longo dos últimos meses, fomos guiados pelos exemplos de santidade juvenil que o Papa Francisco nos propõe na Christus Vivit: um percurso que atravessa os séculos, cruza diferentes latitudes e longitudes, incarna múltiplos contextos e que se concretiza em outras tantas formas de dizer “sim” a esse desafio que Deus faz a todos nós: Sede santos como Eu sou santo (Cfr. Lv 11, 44; 1 Pd 1, 15-16; 1 Ts 4, 3).

Estendendo esta viagem, e porque se aproximam as JMJ Lisboa, gostaria de apresentar mais alguns exemplos de jovens santos, desta vez unidos pelo facto de terem Portugal como a terra que os viu nascer.

Começamos com a jovem e mártir Iria/Irene, “madrinha e padroeira de Santarém” (cf. Almeida Garrett – *Viagens na Minha Terra*, caps. XXIX e XXX), cuja hagiografia está também ligada a Tomar.

Oriunda de uma família abastada, seus pais eram Ermígio e Eugénia, de sangue nobre. A jovem recebeu uma educação refinada num mosteiro de monjas beneditinas governado pelo seu tio, o Abade Célio. Reconhecendo o carácter bem-disposto e vivaz de sua sobrinha, encarregou o monge Remígio, homem sábio e religioso, de instruí-la nas letras e nos bons costumes.

Irene era uma jovem inteligente e bela, pelo que facilmente foi alvo da afeição das demais monjas e pessoas da sua terra. Totalmente separada das “coisas do mundo”, tinha como companheiras suas tias Casta e Júlia. No dia da festa de São Pedro, costumavam visitar a capela dedicada ao santo, situada nas imediações do palácio de Castinaldo, governador daquelas terras. Britaldo, filho único de Castinaldo, também por ali se demorava na composição das suas trovas.

Quando, certo dia, Britaldo vê, pela primeira vez, a bela Irene, o seu arrebatamento foi tão intenso que ficou febril, ansian-

do pela companhia da jovem. Irene, através de uma revelação divina, fica a saber do amor de Britaldo e decide visitá-lo, para lhe dizer que a sua doença não era mortal e que Deus o curaria se ele afastasse de seu coração tais desejos... Britaldo acabou por se tranquilizar, sobretudo quando esta lhe prometeu que nunca se entregaria aos braços de outro homem. Reanimado, o jovem recupera a saúde e converte-se num dos maiores financiadores do mosteiro onde Iria se recolhera.

Mais tarde, seria a vez do seu preceptor, o monge Remígio, nutrir por ela uma paixão. A jovem rejeita todos os intentos do frade, repreendendo-o pela sua conduta. Frei Remígio, desgostoso, decide envenená-la com uma tisana que a fez inchar tanto que se pensou que estivesse grávida. Britaldo, ouvindo tais rumores e suspeitando que ela faltara à promessa, manda o seu servo Banão matá-la, ordem cumprida a 20 de outubro de 653, degolando-a e atirando o corpo ao rio Nabão.

Na manhã seguinte, dando pela sua falta, pensaram alguns que teria fugido com o amante; mas o abade Sélio, guiado por uma revelação sobrenatural, conta a verdade aos demais monges e ao povo, logo partindo, com estes, à procura do corpo.

Das águas do Rio Nabão, o corpo é levado às do Zêzere e logo às do Tejo. Foi então que o abade viu as águas do rio afastarem-se e revelarem um sepulcro de mármore, onde jazia, por milagre, o corpo da jovem. Não o podendo retirar das águas, levou consigo relíquias do cabelo e da túnica, ficando tudo submerso novamente nas águas do Tejo.

O culto tornou-se tão popular que a cidade de Scalabicaastro (próxima do local do aparecimento do túmulo) passou a chamar-se “Santa Iria”/”Santa Irene”, tendo daí derivado o atual nome de Santarém.

Certamente percebemos bem a atualidade da *legenda* de Irene/Iria. ■

ESTATUTO EDITORIAL

- 1 O MENSAGEIRO DE SANTO ANTÓNIO é uma revista de periodicidade mensal, de informação geral, que tem como objectivo prioritário tratar a atualidade portuguesa à luz da herança cultural do primeiro português de dimensão universal: Fernando de Bulhões, Santo António de Lisboa.
- 2 As páginas do MENSAGEIRO DE SANTO ANTÓNIO estão abertas a todas as áreas da vida atual, da política ao desporto, da economia à religião, sempre numa dimensão de respeito pela dignidade humana, com forte componente de informação regional, centrada no eixo Coimbra-Viseu.
- 3 O MENSAGEIRO DE SANTO ANTÓNIO assume com particular empenho o facto de ser meio de contacto entre os portugueses residentes em Portugal e os que se encontram espalhados pelo Mundo. Também os naturais dos países africanos de língua oficial portuguesa, unidos a nós por séculos de história comum, estão na primeira linha das preocupações editoriais da revista.
- 4 O MENSAGEIRO DE SANTO ANTÓNIO estimula nas suas páginas o debate de ideias, numa perspectiva de formação global do ser humano. Ao mesmo tempo, quer através de iniciativas próprias, quer apoiando projetos de outras instituições, pretende assumir-se como espaço de referência das publicações portuguesas de inspiração cristã.
- 5 O MENSAGEIRO DE SANTO ANTÓNIO – através de secções permanentes, que vão desde a leitura da situação do homem na sociedade em que vivemos até ao acompanhamento regular dos acontecimentos da cultura – está atento à realidade portuguesa, fornecendo dados que permitam ajudar o leitor a lê-la e contribuindo para formar uma autêntica opinião humanística.
- 6 O MENSAGEIRO DE SANTO ANTÓNIO assume finalmente o compromisso de “respeitar os princípios deontológicos da Imprensa e a ética profissional, de modo a não poder prosseguir apenas fins comerciais, nem abusar da boa fé dos leitores, encobrendo ou deturpando a informação”.



Frei Valentim Strappazzon

Nossa Senhora do leite, onde a Virgem é uma mãe serena que, enquanto amamenta o filho, procura o seu olhar e lhe sorri. Pintura de Andrea Solari (1460-1522), Museu do Louvre. Foto: Saikko, 2013 | [Wikimedia Commons](#).

Maria,

videira entrelaçada à verdadeira cepa

A PALAVRA DE DEUS

Naquele tempo, enquanto Jesus falava à multidão, uma mulher levantou a voz no meio da multidão e disse: “Feliz a mulher que te trouxe no seu ventre e te amamentou ao seu peito”.

Mas Jesus respondeu:

“Mais felizes são os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática”.

Lc 11, 27-28

A PALAVRA DE SANTO ANTÓNIO

É na verdade bem-aventurado quem te trouxe a ti, Deus e Filho de Deus, Senhor dos Anjos, criador do céu e da terra, redentor do mundo. A Filha trouxe o Pai, a Virgem pobrezinha trouxe o Filho...

Os seus seios inebriar-te-ão em todo o tempo, escreve Salomão nos Provérbios (Pv 5,19).

Mas é muito de admirar que tivesse dito: “inebriar-te-ão”, quando nos seios não há vinho que inebrie, mas leite agradabilíssimo.

Ouve o porquê: “Quão formosa e encantadora és, ó querida, entre as delícias! A tua silhueta é semelhante a uma palmeira e os teus seios a dois cachos de uvas” (Cântico, 7,6-7).

O cacho é um conjunto de uvas reunidas; a cepa, assim chamada por ter força de ganhar raízes ou por se entrelaçar, é Maria Santíssima que, de modo inseparável se entrelaçou ao seu Filho, “a verdadeira cepa” (Jo 15,1). Os cachos de uvas na cepa são a pobreza, a paciência e a abstinência na Virgem. Estas são as uvas maduras donde provém o vinho maduro e saboroso, que inebria e, inebriando, torna sóbrios os corações dos fiéis.

Refugia-te nela, ó pecador, porque ela é a cidade do refúgio. Também agora a misericórdia do Senhor deu refúgio ao nome de Maria. Refugie-se nela o pecador e salvar-se-á.

Nome doce, nome que conforta o pecador, nome de bem-aventurada esperança. Senhora, o teu nome está no desejo da minha alma.

Sermões de Santo António, Em louvor da Santíssima Virgem Maria, 3

APROFUNDEMOS

A Virgem Maria é mencionada mais de 250 vezes nos Sermões de Santo António, com o título de “bem-aventurada”.

A maior felicidade de Maria é ter carregado no seu ventre e alimentado por longos meses o seu filho Jesus. Tal elogio só poderia vir de uma mulher, modesta, sem nome, perdida na multidão, mas consciente daquilo que ela própria tinha experimentado. A esta felicidade inteiramente natural de Maria, António acrescenta a graça tão abundante que lhe permitiu vencer todas as formas de pecado e merecer dar à luz aquele que nunca pecou.

A felicidade de Maria é, portanto, a de uma mãe natural. Mas há mais. A resposta de Jesus vai além da maternidade física, porque Aquele que Maria trouxe é “Deus e Filho de Deus, Senhor dos Anjos, criador do céu e da terra, redentor do mundo”. A verdadeira felicidade de Maria vem do seu título de Mãe de Deus; o alimento com que O alimenta é a Palavra de Deus, mais doce e nutritiva do que o leite materno. “Mais felizes são os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática” (Lc 11,28).

A resposta de Jesus refere-se à atitude com que Maria acolheu o anúncio do Anjo: “Eis a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38). Maria acolheu e pôs em prática esta Palavra, guardando-a no seu coração (Lc 2, 51), meditando-a ao pé da cruz, alegrando-se com ela na manhã de Páscoa e quando foi “elevada à glória do céu”.

Também nós seremos bem-aventurados quando, em todos os momentos da nossa vida, felizes ou dolorosos, como neste tempo, soubermos encontrar no coração de Maria um modelo de fidelidade e um refúgio de esperança e de paz. ■



A política melhor – Trabalho e educação

A grande questão é o trabalho. Ser verdadeiramente popular – porque promove o bem do povo – é garantir a todos a possibilidade de fazer germinar as sementes que Deus colocou em cada um, as suas capacidades, a sua iniciativa, as suas forças... o verdadeiro objetivo deveria ser sempre consentir-lhes uma vida digna através do trabalho (FT 162).

A tarefa educativa, o desenvolvimento de hábitos solidários, a capacidade de pensar a vida humana de forma mais integral, a profundidade espiritual são realidades necessárias para dar qualidade às relações humanas, de tal modo que seja a própria sociedade a reagir face às próprias injustiças, às aberrações, aos abusos dos poderes económicos, tecnológicos, políticos e mediáticos (FT 167).

“A educação é a arma mais poderosa para mudar o mundo “(Nélson Mandela) bem como é a ferramenta que temos para combater as desigualdades. Com a educação alcançamos o desenvolvimento pleno das qualidades e capacidades das pessoas e o trabalho, que é parte das nossas vidas, tem na política uma presença constante, seja pela precariedade atual seja pelo futuro ausente. Nas fotografias, um momento de troca de experiências e saberes entre diferentes organizações, porque acreditamos que da diversidade se criam respostas mais fortes para questões presentes que olham o futuro com esperança. (FGS - Fundação Gonçalo da Silveira, Lisboa)”. Teresa Paiva Couceiro

Em cima: mulheres e homens, semeiam o que será o início de uma horta comunitária. O futuro, ali, sorri! (Foto FGS, Tsimi – Moçambique). **Em baixo:** momento de troca de experiências e saberes entre diferentes organizações, porque acreditamos que da diversidade se criam respostas mais fortes para questões presentes que olham o futuro com esperança. (Foto FGS, Lisboa).